
TRISTÃO E ISOLDA

Libreto: Wilhelm Richard Wagner



Estreia: 10.06.1865, no Hof- und National Theater, Munique

Pessoas:

Tristão:.....Tenor

Isolda:Soprano

Brangäne....Soprano

l rei Mark...Baixo

Kurvenal.....Barítono

Melo.....Tenor

Um pastor - Tenor

Um timoneiro - Barítono

Um jovem homem do mar - tenor

Pessoal do navio: Cavaleiros e pajens. Damas da comitiva de Isolda.

Orquestração originalmente exigida:

Instrumentos de corda:

16 primeiros violinos 16 segundos violinos 12 violas 12 violoncelos 8 contrabaixos

Instrumento de cordas:

1 harpa

Instrumentos de sopro, de madeira:

3 flautas

1 piccolo

2 oboés

1 corne inglês

2 clarinetas

1 clarineta baixo

3 fagotes

Instrumentos de metal:

4 trompas

3 trompetes

3 trombones

1 tuba baixo

Instrumentos de pancada:

1 par de tímboles 1 triângulo 1 par de pratos

Nos bastidores:

3 trompetes

3 trombones

6 trompas

1 corne inglês

Local e época: Escócia. Idade Média.

Wagner define a obra como “ações musicais tornadas visíveis”. A linguagem musical de Tristão é caracterizada por seus deslocamentos da tonalidade e cromatismo extremado, tanto na linha melódica quanto na harmonia. Com Tristão começou verdadeiramente a emancipação da harmonia em relação ao sistema tonal clássico.

Die Handlung (O Enredo)

Primeiro Ato - Passa-se ao mar, no convés de um navio, ricamente decorado, durante a travessia da Irlanda para a Cornualha.. Duas grandes cortinas, interligadas, cobrem o fundo da cena, separando esse pavilhão da outra parte do convés. Quando a cena se abre, Isolda é vista recostada num divã, com o rosto enterrado em almofadas, e sua aia, Brangäne, de pé, na amurada, contemplando o mar. Procedente da Irlanda, Isolda viaja para Cornwall. Ela irá casar-se com o rei Marke, numa solução, após guerra, de pacificação entre os dois países. Na verdade, nessa viagem, ela é mais uma prisioneira. A primeira voz que se ouve é de um marinheiro cantando um lamento, referindo-se à moça de seus sonhos, que deixou na Irlanda. Isolda sente-se insultada com essa canção. Também ela deixou uma paixão, e agora é obrigada a aceitar um casamento imposto. Pede à aia que abra as cortinas pesadas que se veem ao fundo, pois - afirma - falta-lhe o ar. Do outro lado do convés,

Cavaleiros cercam Tristão, que se encontra ao leme. Enviando Brangäne, Isolda ordena a Tristão que venha à sua presença. Altivo, ele envia a resposta: não poderá abandonar o leme enquanto o navio não tiver chegado ao destino. Brangäne insiste, e Kurwenal, servidor de Tristão e a ele extremamente fiel, responde com bastante rudeza à aia de Isolda. Ouve-se, depois, um coro de marinheiros cantando o mesmo tema de Kurwenal. Brangäne, muito irritada, volta à presença de Isolda e cerra as cortinas. A seguir, no dueto que Isolda e Brangäne cantam, fica-se sabendo que Isolda foi noiva de Sir Morold, um nobre de seu país. Morold morrera num dos combates entre a Irlanda e Cornwall. Seu oponente, em duelo, fora o próprio Tristão, que decapitara o inimigo e remetera a cabeça de volta à Irlanda, especificamente a Isolda. Tristão, na luta, recebeu um ferimento da espada de Morold, que jamais sarava. Em desespero, recorrera à Isolda e à sua mãe, muito conhecidas como experientes no preparo de filtros e poções milagrosas. Mas - usando um subterfúgio - não se dera a conhecer. Usou o nome de Tantris. Apesar disso, Isolda descobriu-lhe a identidade. Mesmo sabendo que estava em suas mãos eliminá-lo, não o fez porque, em verdade, já começara a se apaixonar por ele. Curado, Tristão confessou-se eternamente grato, e, lacônico, procurou não deixar escapar uma só palavra de simpatia, ternura e muito menos amor por Isolda, muito embora a apreciasse. Chegou a ver nela uma boa pretendente para seu tio, o Rei Marke. Agora retomara à Irlanda como mensageiro de seu tio, o rei Marke, de Cornwall, com a incumbência de trazer a princesa Isolda para que ela se tornasse a esposa do rei.

A viagem está para chegar ao seu final, e Tristão não veio falar com Isolda, como lhe fora pedido e, mesmo, ordenado. Sua atitude inflexível leva-a ao desespero. Afirma que não chegará com vida a Cornwall, nem ela, nem Tristão. Uma só sinistra ideia domina-lhe a mente: a morte de ambos. Manda, então, que Brangäne traga as poções mágicas, aquelas que sua mãe lhe dera ao partir. A aia obedece, e Isolda escolhe o 'filtro da morte'. Que Brangäne prepare o veneno, como bebida de reconciliação, numa taça bem cheia. Pouco depois, Kurwenal vem avisar à Isolda e à sua aia que o navio está chegando e é preciso que ambas se preparem o mais depressa para o desembarque. Isolda manda Kurwenal dizer a Tristão que precisa falar-lhe a sós antes do desembarque. A essa segunda ordem, Tristão atende, e é com grande dignidade que ele entra no pavilhão.

Feitos os cumprimentos, Isolda recrimina Tristão e lembra-lhe fatos do passado. Tristão oferece a Isolda sua espada para que ela vingue sobre ele a morte de Morold. Ela não só se recusa a fazê-lo, mas ainda o convida a um brinde de reconciliação por motivo da chegada. Ele logo compreende que, na bebida, há veneno; com firme resolução, a aceita e a ingere. Brangäne, naturalmente sem que Isolda o soubesse, em vez do filtro da morte pusera no vinho o filtro do amor. Pouco depois de ambos terem feito o brinde, todo o medo e distância se transforma em êxtase. O navio está para ancorar. Em meio ao tumulto da chegada, aos vivas dos marinheiros ao Rei e à Cornualha, ambos - Tristão e **Isolda** - parecem ignorar tudo. Só têm olhos um para o outro...

(Os M são os Leitmotive, descritos ao final)

Prelúdio

No mar, no deck do navio de Tristão, durante a travessia da Irlanda para a Cornualha.

CENA 1 - Isolda, Brangäne e um marinheiro.

M5 Voz de um jovem marinheiro - Para oeste a vista vagueia: para o leste, navega o navio. Para onde sopra o fresco vento da Pátria: minha donzela irlandesa, onde tu te encontras? São estes os sopros do teu lamento que enchem minhas velas? Sopra, sopra, vento! Suspira, suspira, mocinha! Donzela irlandesa, tu, selvagem e voluntariosa!

Isolda (de repente, sobressaltada) - Quem ousa zombar de mim? (ela olha em volta de si transtornada) Brangäne, tu? Dize, onde estamos?

M5 Brangäne - O costado azul é levado para o leste; suave e rápido veleja o navio; no mar calmo da tarde alcançaremos com certeza a terra.

Isolda - Que terra?

Brangäne - A verde praia da Cornualha.

Isolda - Jamais! Nem hoje, nem amanhã!

Brangäne (aproximando-se, correndo, consternada) - O que eu ouvi? Senhora! Ah!

Isolda (falando consigo mesma, exaltada, diante da outra) - Raça degenerada! Indigna de seus antepassados! Aonde, mamãe, deixaste teu poder de dominar o mar e a tempestade? O'arte doméstica da magia, que somente bebidas balsâmicas ainda fabrica! Desperta de novo em mim o audacioso poder; emerge-o do meu peito, onde ele se esconde!. Ovi meus desejos, hesitantes ventos! Apareçam para o conflito e bramem a tempestade! Às furiosas tormentas, um raivoso redemoinho! Levantem do sono este mar sonhador. Despertem do abismo sua ânsia trovejante. Mostrem-lhe a presa que eu ofereço. Destruam este arrojado navio, e deixem as ondas devorá-lo em fragmentos despedaçados. E tudo que vive, suspira e respira a bordo, ventos, eu vos dou como recompensa!

Brangäne (com extremo susto, para conseguir demover Isolda) - Oh, desgraça! Ah! Ah! Ah! Aí tens o mal que eu pressenti, Isolda! Senhora! Caro coração! Que me tens ocultado por tanto tempo? Por teu pai e tua mãe, tu não derramaste uma lágrima. Quase não deste um adeus àqueles que abandonaste. Tu te separaste da Pátria, fria e muda; tu, sempre pálida e silenciosa, durante a travessia; sem dormir, sem tomar alimento, emburrada e infeliz, rude e inquieta. Como tenho de suportar ver-te assim; não ser mais nada para ti; comportar-me perante ti como uma estranha! Oh, dize-me agora, qual é o teu problema? Dize, abre-te comigo, o que te atormenta? Ama Isolda, graciosa e querida! Se Brangäne pode se considerar digna de ti, abra-te com ela!

Isolda - Ar! Ar! O coração me sufoca. Abre! Abre tudo lá!

(Brangäne rapidamente abre as cortinas, separadas ao meio)

CENA 2

(Em cima, Tristão, Kurwenal, marinheiros, cavaleiros e escudeiros) Vozes de Jovens Marinheiros - Para onde sopra o fresco vento da Pátria: minha donzela

M5 irlandesa, onde tu te encontras? São estes os sopros do teu lamento que enchem minhas velas? Sopra, sopra, vento! Suspira, suspira, minha criança!

Isolda (cujos olhos procuram insistentemente Tristão e se mantêm fixos nele, fala para si mesmo com uma surda voz) - Destinado para mim, para mim perdido, nobre e santo,

M1 audacioso e covarde! Cabeça consagrada à morte! Coração destinado à morte!

M7 (para Brangäne) Que tu pensas daquele servo?

Brangäne (seguindo seu olhar) - A quem te referes?

M3 **Isolda** - Lá, o herói que diante de meus olhos desvia os seus, envergonhado e medroso e olha de lado. Dize-me, o que tu pensas dele?

Brangäne - Falas de Tristão, querida ama, a maravilha de todos os reinos, o homem mais celebrado, o herói sem igual, o tesouro e o refúgio da glória?

Isolda (com ironia) - Aquele que não se atreve a um encontro e procura refúgio onde pode, desde que conquistou uma noiva, que não será mais que um cadáver, para seu senhor!

M1 Parece-te obscura a minha poesia? Pergunta-lhe, então, tu mesma, ao homem livre, se ele ousa aproximar-se de mim? Ele esqueceu até o cumprimento de honra e a atenção respeitosa à sua senhora; o tímido herói, a quem eu não posso alcançar, ao herói sem igual, senão com uma vista de olhos! Oh, ele bem sabe por quê! Vá até ele, o orgulhoso, e leve-lhe a ordem de sua senhora: disposto a me servir, que ele venha até mim o mais depressa possível.

Brangäne - Devo lhe pedir para vir te saudar?

Isolda - Eu dei a ordem à minha aia para ele temer a sua Senhora, eu, Isolda! (A um sinal de ordem de Isolda, Brangäne se afasta e atravessa o deck até o estibordo)

M5 Kurwenal (vendo Brangäne vir, puxa o manto de Tristão, sem levantá-lo) - Tenha cuidado, Tristão! Mensagem de Isolda.

Tristão (sobressaltado) - Que é isto? Isolda?

(Ele se faz breve, quando Brangäne chega perto dele e se inclina)

De minha soberana? A seu vassalo que o manda atender cortesmente a sua fiel criada?

Brangäne - Meu Senhor Tristão, vos ver é o desejo de Isolda, minha soberana. Tristão - Se ela se entediou com a longa viagem, já está chegando ao fim. Antes do cair do sol, estaremos em terra. O que minha Senhora me ordenar será cumprido fielmente.

Brangäne - Então deseja o Senhor Tristão ir até ela: este é o desejo da Senhora.

Tristão - Lá onde os campos verdejantes parecem azuis aos nossos olhos, meu rei espera pela minha Senhora: para conduzi-la até ele, logo me aproximarei de sua Graça. A nenhum outro eu cederei esta honra.

Brangäne - Meu senhor Tristão, ouvi-me por favor: a soberana precisa de seus préstimos e quer que venha imediatamente até ela, lá onde ela vos aguarda.

Tristão - Em qualquer lugar em que eu esteja, fielmente a servirei, a ela, a suprema dignidade entre as mulheres. Se eu deixar o leme do navio agora, a esta hora, como conduzi-lo com segurança ao país do rei Marke?

Brangäne - Tristão, meu Senhor! Por que fazeis troça de mim? Se a tola serva não vos parece suficientemente clara para vos falar, entendi as palavras de minha soberana! Ela mandou-me dizer-vos: que ela deu ordem a seu vassalo para temer a sua soberana, ela, Isolda.

Kurwenal (levantando-se subitamente) - Posso dar a resposta certa?

Tristão (tranquilo) - O que então responderíeis a contento?

M8 Kurwenal - Que diga isto à senhora Isolda! Aquele que dá a herança da Inglaterra e da Coroa da Cornualha à filha da Irlanda, não pode ser o vassalo da nobre donzela, pois que ele a deu, ele mesmo, ao seu tio. Um Senhor do Mundo, Tristão, o herói! Eu o proclamo: diga isto, mesmo que se ressintam com minhas palavras, até mil senhoras Isoldas!

(Enquanto Tristão tenta refreá-lo com gestos, e Brangäne indignada retoma aos aposentos, Kurwenal canta aumentando a voz à mensageira que se afasta hesitante)

M9 “Senhor Morold atravesse o mar até aqui e venha recolher tributo da Cornualha; uma ilhazinha flutua sobre o mar deserto, é aquela lá que dorme agora em terra, mas vossa cabeça remanesceu enforcada no país da Irlanda, como tributo pago pelo país dos Ingleses. Hei! Nosso herói Tristão, como podes pagar ainda tributo!

(Kurwenal, sempre reprovado por Tristão, desceu ao porão; Brangäne, profundamente consternada, volta até Isolda e fecha atrás de si as cortinas, enquanto o grosso da tripulação externa deixa-se ouvir)

Todos os homens - Mas sua cabeça restou pendurada no país da Irlanda, como tributo pago pelo país dos ingleses. Ei! Nosso herói Tristão, como podes pagar ainda tributo!

CENA 3

(Isolda e Brangäne sozinhas. Isolda se levanta com gestos de cólera e de desespero. Brangäne arremessa-se aos seus pés)

Brangäne - Oh, dor! Oh, dor! Teres de suportar isso!

Isolda (perto de ceder a uma explosão terrível, recompondo-se, no entanto)

Então, desembucha, que disse Tristão? Quero saber exatamente. Brangäne - Ah, não perguntes!

Isolda - Fala livremente e sem medo!

Brangäne - Quando, sem demora, eu o chamei a ti. Quando eu pedi-lhe para vir ter contigo aqui, ele disse que onde quer que estivesse ele fielmente te serviria, a honra suprema entre as mulheres; se ele deixasse o timão do navio naquela hora, como conduzi-lo com segurança ao país do rei Marke?

Isolda (com amarga ironia) - “Como conduzir a quilha seguramente até o país do rei Marke?”

M9 (forte e violenta) Para lhe pagar o tributo que ele tirou da Irlanda!

Brangäne - Tuas próprias palavras, quando eu as transmiti a ele, seu fiel Kurwenal...

Isolda - Eu entendi tudo; nenhuma palavra dele me escapou. Tu percebeste a minha vergonha, então ouve, agora, o que tem valor. Como eles riem e cantam suas canções para mim, eu

M10 poderei também lhes falar de um pequeno escaler, sem valor e necessitado, que vagueava nas costas da Irlanda. Ele lá tinha dentro, consumido pela enfermidade, um desafortunado em vias de morrer. A arte de Isolda foi dele conhecida; com unguentos e bálsamos, ela tratou com cuidado fielmente a ferida. Por precaução, ele usou de astúcia fazendo-se passar por Tantris, mas Isolda logo reconheceu que ele era Tristão, porque, na espada do enfermo, ela descobriu uma fenda, onde exatamente se ajustava um estilhaço que sua hábil mão havia achado há pouco na cabeça do cavaleiro da Irlanda,

que ele lhe tinha enviado por desprezo. Um grito surgiu do mais profundo do meu ser. Empunhando a espada, na claridade, eu me armei diante dele, para nele vingar, nele o insolente, a morte do senhor Morold. De seu leito ele olhava tão-só para mim, não para a espada, não para a mão que a

M2 brandia no ar - ele me olhava ternamente nos olhos. Sua aflição me deu piedade e compaixão; a espada eu a deixei cair! A ferida que Morold havia feito, eu a curei, que ele são e saudável pode retomar para casa - e não fui mais atormentada pelo seu olhar!

Brangäne - O prodígio! Onde estavam meus olhos? O hóspede, a quem uma vez eu ajudei a tratar?

Isolda - Tu acabas de ouvir sua louvação: “Ei, nosso herói Tristão” - Era esse homem, agora desapiedado. Ele me fez mil juramentos de reconhecimento e fidelidade eterna! Escuta agora

M16 - como um herói tem palavra! O Tantris que eu deixei partir, sem querer o reconhecimento sob o nome de Tristão. Revejo-o aqui insolentemente, sobre um arrogante navio de alto bordo, ele demandando em casamento a herdeira da Irlanda para o rei cansado da Cornualha, para Marke, seu tio. Tivesse Morold vivido, teria ele ousado nos infligir tamanha afronta? Maquinar a coroa da Irlanda para um tributário, o príncipe da Cornualha! Oh, miséria para mim! Sou eu mesma que do fundo do coração sou atirada a esse ultraje. A espada vingadora,

M3 ao invés de a brandir e estocar, sem força, eu a deixei cair. E agora sirvo ao vassalo!

Brangäne - Quando a paz, a reconciliação e a amizade são juradas para todos, cada um se regozija nesse dia; como eu poderia saber que tudo isso te levaria ao pesar?

M6 Isolda - Ó olhos cegos! Ó coração fraco! Mansa coragem, silêncio desalentado!

M11 Como outra pessoa Tristão se vangloria do que eu tinha ocultado! Aquela que em silêncio lhe havia dado a vida, que por seu silêncio o havia livrado da vingança do inimigo,

M6 este mutismo que o havia protegido por sua saúde, ele o sacrificou, e a ela agora paga esse preço. Arrogante de sua vitória, curado, magnífico, com voz clara e alta ele me

M11 descreveu: “Ela será um tesouro, meu tio e senhor. Que podeis melhor esperar para vossa esposa? A beleza irlandesa, eu vos trarei; atalhos e caminhos me são bem conhecidos; um sinal e eu corro velozmente à Irlanda. Isolda, ela vos pertencerá. A mim essa aventura

M1 sorri!” Maldito sejas tu, infame! Maldita seja tua cabeça! Vingança! Morte! Morte para nós dois!

Brangäne (precipitando-se sobre Isolda com uma impetuosa ternura) - Ó querida! Doce coração! Fiel! Mimosa! Menina de ouro! Adorada Isolda! (Ela puxa Isolda pouco a pouco para a cama)

Escuta-me! Vem! Senta-te aqui ao meu lado! Que loucura é essa? Que cólera inútil! Como podes tu apaixonar-se até não mais poder ver claramente as coisas nem entendê-las? O que te deve então o senhor Tristão? Diz de que maneira poderia ele melhor te o pagar do que oferecendo-te a mais esplêndida das coroas? Assim também ele serve fielmente a seu nobre tio. A ti ele deu o prêmio mais invejado do mundo: porque, sincero e nobre, renunciou à sua própria herança e a colocou a teus pés para te saudar como sua rainha!

(Isolda se afasta)

E se ele elegeu Markes como marido para ti, como poderias tu desaprovar essa escolha? Será ele então indigno de ti? Ele é de raça nobre, de um coração magnânimo; quem igual a esse homem em poder e esplendor? Esse homem, a quem um herói sublime tão fielmente serve, quem não quereria partilhar de sua fortuna, vivendo com ele como esposa?

Isolda (com os olhos vagamente fixados diante dela) - Sem que ele me ame, esse homem sublime? Ter de vê-lo todo dia perto de mim? Como suportar esse tormento?

Brangäne - Que ideia desagradável! Sem que ele te ame? (ela aproxima-se de Isolda e lhe fala carinhosamente) - Onde pode existir um homem que não te ame? Quem poderia ver Isolda e não morrer de amor por Isolda? Portanto, aquele que te escolheu, se ele está tão sério, se qualquer atrativo o afasta de ti: o desagradável eu saberia como bem rápido eliminar e o submeter à influência do amor.

(Secretamente e confidencialmente, muito perto de Isolda) - Tu não conheces a arte da tua

M1 mãe? Pensas tu que ela, que pondera tudo com sabedoria, me teria enviado contigo à terra estrangeira sem aconselhamento?

Isolda (sombria) - O conselho de minha mãe eu o conheço bem: e sua arte eu a aprecio e a

M4 acolho como bem-vinda. Vingança para a traição! Paz para o coração na angústia. O cofre lá, traze-o até mim.

Brangäne - Ele contém o bálsamo que necessitas (ela vai e busca um pequeno cofre de ouro, abre-o e mostra o que ele contém)

É assim que tua mãe ordenou os potentes filtros. Para a dor e feridas aqui estão os bálsamos; para os venenos malignos, o contraveneno.

(Ela toma um pequeno frasco)

A poção mais esplêndida eu a tenho aqui.

Isolda - Tu te enganas, eu a conheço melhor; eu a marquei com um forte entalho.

(Ela toma um pequeno frasco e o mostra)

A bebida que me serve é esta!

Brangäne (recuando, assombrada) - O filtro da morte!

(Isolda levanta-se da cama e percebe com um crescente terror, o clamor dos marinheiros)

Os Marinheiros (de fora) - Rô, rê, rá, rê!

Afrouxai a vela do artimão!

Rô, rê, rá, rê!

Isolda - Isso significa o fim da jornada. Pobre de mim! A terra está próxima.

CENA 4

(Os precedentes, Kurwenal)

M13 Kurwenal

Ficai prontas, vós, Senhoras, vamos!

Belas e alegres! Preparai-vos rápido!

Vamos sair daí, agora, prontas, depressa e desembaraçadas!

(mais formal)

E à senhora Isolda devo dizer da parte de meu senhor, o herói Tristão: a bandeira da alegria já foi içada. Ela flutua festiva em direção à terra; ao castelo do rei Marke ela dá o anúncio da vossa chegada. Portanto, ele pede à senhora Isolda para apressar-se e se preparar para o desembarque, a fim de que ele possa logo escoltá-la.

Isolda (após um estremecimento com as primeiras palavras de Kurwenal, logo se recompõe e fala condignamente) - Ao senhor Tristão leva minhas saudações e comunica-lhe o que eu agora digo: se eu devo ser por ele escoltada para ser apresentada ao rei Marke, de acordo com o código dos costumes, isto não poderá se dar, a menos que, primeiro, eu receba dele pedido de desculpas por um imperdoável erro: então deve ele solicitar pessoalmente o meu perdão. Tu, mensageiro, observa bem o que eu disse, vai e transmite-lhe o meu recado! Eu não quero preparar-me para acompanhá-lo à terra; eu não quero seguir caminhando ao seu lado, para me apresentar ao rei Marke, a menos que ele, primeiro, segundo o código dos costumes, me peça para perdoá-lo e esquecer um irreparável equívoco: que minha benevolência a ele por ele seja pedida.

Kurwenal - Sabei com segurança que eu transmitirei vossa mensagem a ele; agora esperai e vede como ele me ouvirá!

M6 (Ele retorna rápido. Isolda corre até Brangäne e a abraça veementemente)

Isolda - Agora, adeus Brangäne! Saúda em meu nome o mundo; saúda meu pai e minha mãe!

Brangäne - O que é isso? O que estás maquinando? Queres fugir? Para onde devo eu te seguir?

Isolda (rapidamente acalmando-se) - Tu não entendes nada? Eu fico aqui, onde quero esperar Tristão. Sou fiel à ordem que eu dou; prepara rapidamente o filtro da reconciliação; tu sabes, aquele que eu já te mostrei, (ela retira o frasco do cofre)

Brangäne - E qual bebida prepararei?

Isolda - Esta bebida aqui! Despeja-a na taça de ouro; que ela fique completamente cheia.

Brangäne (recebendo o frasco, tomada de pavor) - Posso aquilatar os meus sentidos?

Isolda - Sê-me fiel!

Brangäne - Esta bebida - para quem?

Isolda - Para quem me enganou!

Brangäne - Tristão?

Isolda - Ele a beberá como expiação a mim!

Brangäne (caindo aos pés de Isolda) - Que horror! Perdoa-me, pobre mulher! Poupa as minhas mãos!

M1 Isolda (veementemente) - Poupa-me tu mesma, serve infiel! Não conheces a arte de minha mãe? Pensas tu que ela, que sopesa tudo com sabedoria, me enviou contigo à terra estrangeira sem me dar conselho? Para a dor e feridas, ela me deu os bálsamos; para os venenos malignos, os contravenenos; para a mais profunda dor, para o mais profundo M7 sofrimento, ela me deu o filtro da morte. Que com a morte, agora, lhe rendamos graças!

Brangäne (sentindo-se mal e incontrolada) - Oh, dor mais profunda!

Isolda - Obedeces-me, agora?

Brangäne - Oh, profundo sofrimento!

Isolda - Ser-me-ás fiel?

Brangäne - O filtro?

Kurwenal (entrando) - O senhor Tristão!

M6 (Brangäne levanta-se, perdida e assustada. Isolda faz um esforço terrível e se recompõe)

Isolda (para Kurwenal) - Faze entrar o senhor Tristão!

CENA 5

(Tristão, Brangäne, depois Kurwenal, Marinheiros, Cavaleiros e Armeiros)

M14 (Kurwenal se retira. Brangäne, quase sem forças, dirige-se ao fundo da cena. Isolda, recompondo todas as suas forças, para a suprema decisão, marcha lentamente, com majestade, para o lado da cama, apoia-se na extremidade, e seus olhos se fixam na entrada do pavilhão. Tristão aparece e se detém, respeitosamente, à entrada. Isolda, presa de uma violenta agitação, fica absorta em sua contemplação. Longo silêncio)

Tristão - Dizei, Senhora, quais são os vossos desejos?

Isolda - Tu não sabes quais são os meus desejos, tu que, no temor de me reparar a ofensa, ficas longe de minha vista?

Tristão - É o respeito que me induziu a ficar assim em cautela.

Isolda - Muito pouco mesmo me fizeste a honra; com um visível desdém, proibiste obediência às minhas ordens!

Tristão - A obediência somente me manteve longe de vós.

Isolda - Então deverei eu pouca coisa ao teu Senhor, se seu serviço te recomendou limitar-se a certos respeitos e a indecorosa consideração à sua própria esposa?

Tristão - No país onde tenho vivido, os costumes exigem que, durante a viagem da noiva, aquele que a acompanha deve manter-se bem distante dela!

Isolda - A título de que escrúpulo?

Tristão - Examinai os costumes!

Isolda - Já que te prendes assim a escrupulosos costumes, meu Senhor Tristão, deixa que eu te lembre um outro costume, mais imperativo: aquele que prescreve a reconciliação com o inimigo, quando ele resolve aclamar o outro como amigo!

Tristão - E onde está o inimigo? Quem é?

Isolda - Pergunta ao teu próprio medo! Há, bem sabes, entre nós uma dívida de sangue!

Tristão - Ela já foi expiada!

Isolda - Não entre nós!

Tristão - Em campo aberto, na presença de todo o povo, um juramento de esquecimento e de paz entre nossos países foi celebrado!

Isolda - Essa celebração, particularmente, não ocorreu entre nós, quando eu ocultei Tantris, e Tristão rendeu-se a mim. Lá ele se portou como um cavalheiro, sublime e coerente; mas, aquilo que ele jurou a mim, eu não o jurei: eu simplesmente aprendi a

guardar silêncio. Quando ele ficou doente naquele tranquilo quarto, muda, com a espada à mão, eu me postei diante dele: eu segurei minha língua, eu retive minha mão... embora um dia com mão e boca eu tenha jurado em silêncio de o ter. E agora eu vejo a hora de por termo ao meu juramento.

M14 Tristão - Que juramento, Senhora?

M2 Isolda - De vingança por Morold!

Tristão - É isso o que vos atormenta?

Isolda - Como ousas zombar de mim? Ele foi meu noivo, o sublime herói da

Irlanda; eu tinha abençoado suas armas; por mim ele partiu para o combate. Quando ele foi abatido, minha honra desabou com ele: na dor do meu coração eu fiz o juramento que se um homem não vingasse aquela morte, seria eu, uma donzela, que o deveria tentar. Quando tu estavas em meu **M15** poder, desfalecido e doente, por que eu te não feri? Isto é fácil de tu o dizeres a ti mesmo. Eu tratei com cuidado da ferida provocada pela espada de Morold, que ele, são e salvo, foi atingido pela vingança daquele que tinha ganho Isolda dele. Agora, tu mesmo podes intuir qual é o teu destino! Desde que todos os homens só te rendem homenagens, quem deve **M15** e **M3** agora derrotar Tristão?

Tristão (pálido e triste) - Já que Morold vos era tão caro, tomai, então, a espada e manejai-a com uma mão firme e segura para de nenhum modo a deixar escapar!

(Ele oferece-lhe a espada)

Isolda - Como mal começaria a servir ao teu Senhor! O que diria o Rei Mark se eu tivesse matado o melhor dos seus cavaleiros, exatamente aquele que obteve para ele uma coroa e um país, sendo, portanto, o mais confiável dos seus homens? Estimas tão pouco o agradecimento que ele te deve, por trazer-lhe sua noiva irlandesa, achando que ele não viria a me censurar se eu fulminasse seu enviado que fielmente estaria lhe trazendo o penhor do juramento da paz

M2 celebrada? Conserva na bainha a tua espada! Quando, não faz tempo, eu a brandi, quando a vingança agitava-se em meu coração, quando teu olhar imprensou minha imagem e avaliava se eu era digna de ser a mulher do Rei Marke: a espada eu a deixei cair. Agora chegou o momento de, juntos, bebermos à reconciliação!

(Ela faz um sinal para Brangäne. Esta aqui estremece de medo e calafrio; vacila e hesita em seus movimentos. Isolda a aciona com um gesto imperativo. Brangäne põe-se logo a preparar a bebida)

M13 e M1

Os Marinheiros - Rô! rê! rá! rê! Do mastro superior colhei as velas!

Tristão (chocado, sombrio, sobressaltado) - Onde estávamos?

M7 Isolda - Perto do fim! Tristão, obtive a reconciliação? Que tens a me dizer?

Tristão (lúgubre) - A Senhora do silêncio chama-me a calar: se eu entendo o que ela oculta, eu silêncio, o que ela não entenderá.

Isolda - Eu entendo o teu silêncio: queres afastar-te de mim! Denegas-me, então, a reconciliação?

Os Marinheiros - Rô! rê! rá! rê!

(Sob um sinal impaciente de Isolda, Brangäne estende-lhe, finalmente, a taça cheia)

Isolda (marchando com a taça até Tristão, cujos olhos se fixam nos dela) - Ouves o chamado? Estamos no fim! Em curto tempo estaremos (com ironia) diante do rei Marke.

M15 Como tu me escoltarás, não te parece agradável falar assim a ele: “Meu Senhor e meu tio, olha para ela: uma suave esposa tu nunca poderias encontrar. Eu a tinha como pessoa morta, há pouco, tua noiva; pois eu lhe tinha devolvido uma preciosa cabeça; mas ela, ela gentilmente curou a ferida que a arma daquele herói me havia feito; minha vida esteve entre suas mãos; ela me deu de novo de presente, a doce vida; e tu, mesmo ela ferida, deste ao seu país a vergonha e o opróbrio de tomá-la tua esposa. Aí tendes a bela dádiva, o gracioso agradecimento, que me deu um doce filtro de reconciliação. Sua graça me foi oferecida para expiar todas as faltas”.

Os Marinheiros - Atracar! Levantai a âncora!

Tristão (sobressaltado e raivoso) - Levantai âncora! Ponham o leme na corrente! Velas e mastro ao vento!

(Ele toma de arranque a taça de bebida da mão de Isolda) - Eu conheço bem a rainha da Irlanda e o poder maravilhoso de sua arte. Eu experimentei do bálsamo que ela uma vez me

M6 ofertou: eu tomo agora a taça para curar inteiramente tudo agora. E vós, escutai também

M16 o juramento da expiação que eu vos faço em agradecimento! A honra de Tristão é sua alta lealdade: a desgraça de Tristão é sua temerária fanfarrice. Ilusão do coração; sonho, devaneio do pressentimento! Única consolação de uma pena eterna! Beberagem do **M6** esquecimento benfazeja! Eu te bebo sem hesitação! (Ele leva a taça aos lábios e bebe)

Isolda - Traída também aqui? A metade é minha! (Ela arranca a taça das mãos dele) -

M1 Traidor, eu bebo para ti. (Ela bebe tudo que resta e atira a taça para bem longe).

Todos os dois sentem calafrios e olham-se com a mais alta excitação. Com os olhos fitos um no outro, a obstinação da morte cede lugar ao jogo do amor. São tomados de tremor. Colocam as mãos convulsivamente nos respectivos corações e se abraçam com força; conduzem as mãos às suas frentes, os olhos se buscam de novo, depois se abaixam, com as vistas ofuscadas, e, finalmente, agarram-se com uma crescente paixão)

Isolda (com uma voz estremeçada) - Tristão!

Tristão (com efusão) - Isolda!

Isolda (deixando-se cair sobre ele) - Querido infiel!

Tristão (abraçando-a com ardor) - Mulher divina!

(Eles ficam silenciosamente abraçados. Ouve-se ao longe o som das trompas)

M17 Todos os Homens (de fora do navio) - Viva! Salve! Salve o Rei Marke!

Brangäne (que, afastando o rosto, tentando apoiar-se, cheia de dúvida, sobre a borda do navio, lança uma vista d'olhos sobre Tristão e **Isolda** - perdidos e abraçados apaixonadamente - aproxima-se, contorce as mãos desesperadamente, e aparece à frente da cena) - Desgraça! Desgraça! Eterna miséria! Inexorável, no lugar de uma morte súbita! A obra enganosa de uma insensata lealdade desabrocha, agora, rumo ao desespero e à ruína!

(Tristão e Isolda, comovidos, subitamente se desprendem um do outro, sempre apaixonados)

Tristão (confuso) O que eu sonhei sobre a honra de Tristão?

Isolda - O que sonhei sobre a desonra de Isolda?

Tristão - Eu te desonrei?

Isolda - Tu me repeliste?

Tristão - Pérfida malícia de um charme enganador!

Isolda - Inútil ameaça de uma imprudente cólera!

Tristão - Isolda!

Isolda - Tristão!

Tristão - A mais doce das mulheres!

Isolda - O mais querido dos homens!

Ambos - Como nossos corações se excitam e fervem! Como todos os nossos sentidos estremecem de felicidade! Floração desabrochada do desejo do amor, ardor delicioso da languidez do amor. Desejo ardente jorrante do coração! Isolda! Tristão! Arrebatai o mundo todo aqui para mim! Eu não tenho consciência de mais nada, só de ti, suprema volúpia do amor!

(As cortinas se abrem dos dois lados. Todo o navio está ocupado de cavaleiros e gente do mar, os quais, alegres, se rejubilam, acenando da borda para a margem da praia, onde há gente apinhada até um elevado e inabalável castelo, que se avista perto. Tristão e Isolda permanecem perdidos em sua recíproca contemplação, sem atentarem para o que está acontecendo à volta deles)

Brangäne (às mulheres que, diante de seu sinal, saem do interior do navio)

Rápido, o Manto, o Adorno Real! (Ela se precipita entre Tristão e Isolda)

Para cima! Par funesto! Ouvi e vede onde estão! (Sem que Isolda se aperceba, ela a cobre com o Manto Real)

Todos os Homens - Viva, Viva, Viva! Rei Marke! Salve! Salve o Rei!

Kurwenal - Salve, Tristão, o afortunado herói!

Todos os homens -Salve! Rei Marke!

Kurwenal - Com uma corte real, lá em baixo, em seu bote, o Senhor Marke aproxima-se. Ei! Com muito prazer ele avança para buscar sua noiva! Tristão (levantando um olhar no rumo da confusão) - Quem se aproxima?

Kurwenal - O Rei!

Tristão - Que Rei!

(Kurwenal mostra a margem)

Todos os Homens (agitando os bonés) - Salve! Rei Marke, Salve!

(Tristão dirige para a terra os olhos fixos e distraído)

Isolda (em confusão) - O que há, Brangäne? Que barulho é esse?

Brangäne - Isolda! Senhora! Sangue frio pelo menos agora! Modere-se!

Isolda - (espantada, com os olhos em Tristão) - Tristão!

Tristão - Isolda!

Isolda - Devo viver? (Ela tomba inconsciente em seus braços)

Brangäne - (às mulheres) - Ajudai vossa Senhora!

Tristão - Ó delícia plena de astúcia! Ó felicidade consagrada pelo ardil!

Todos os homens -Cornwall, viva!

(Fim do Primeiro Ato)

Segundo Ato

É noite. No jardim do castelo do Rei Marke, uma tocha ilumina a cena, aparecendo o terraço e a entrada do palácio real. Em um dos lados estão os aposentos de Isolda. Vê-se ao lado uma floresta escura, com grandes árvores no parque do castelo do rei Marke. No início do ato, ouve-se uma saraivada de toques de trompas de caça, perdendo-se à distância. Como o rei Marke e alguns cavaleiros foram à caça, Isolda espera, impaciente, por um encontro com Tristão, conforme combinaram. Brangäne, desesperada, teme que aconteça uma desgraça, pois descobriu que a caçada não passa de um pretexto, arquitetado por Melot, cavaleiro do Rei, mas apaixonado por Isolda, para surpreender Tristão em infidelidade ao Rei com a rainha. Apesar das instâncias de Brangäne, Isolda não pode acreditar nesse pressentimento de sua aia, pois acha que Tristão é amigo de Melot e que este não o trairia. Isolda ordena que Brangäne vá até ao alto da torre do castelo e lhe faça um sinal se vier alguém, sobretudo pessoa que possa denunciá-la e Tristão ao Rei. Como já tinha convencido com Tristão, Isolda apaga a tocha perto da entrada do castelo, para que ele possa aproximar-se sem ser visto. Quando ele chega, a música toma um crescendo em intensidade e é com extremo arrebato que os dois se abraçam. Em seguida, os dois cantam um dueto famoso, que se identifica bem com esse ato. Ouve-se o murmúrio de um arroio, que corre perto. A noite é de encantamento, propícia ao par de amantes, que maldizem o dia, quando não podem aparecer juntos. A música de amor e de encantamento é, de repente, interrompida. Brangäne acena do alto e dá um grito, quando reconhece Melot aproximando-se. O fiel servo e amigo de Tristão, Kurwenal, ainda resfolegando de cansaço, pela corrida, vem avisar Tristão da cilada em que caiu e que este procure se safar dali. É tarde, porém. Impetuosamente, enfurecidos, lançam-se contra o amante da rainha o Rei, Melot e outros caçadores. Tristão ainda procura esconder Isolda dentro do seu manto, mas a situação embaraçosa se complica ainda mais, pelo parentesco de Tristão com o rei Marke. Assim, um silêncio pesado os envolve. Melot avança e profere uma tremenda acusação a Tristão, dizendo que suas suspeitas estavam comprovadas e que seu plano tinha dado certo. O rei Marke fica mais amargurado, com o rude golpe, pois de todos poderia desconfiar, menos de Tristão, seu sobrinho e fiel amigo. Tristão diz que não podem existir respostas às perguntas do rei. Ele sente que não mais pertence a este mundo e convida Isolda a segui-lo para dentro do reinado da noite; ela concorda e ele a beija na testa. Neste momento, Melot, diante da estupefação e inação do rei, mas, cujos atos, conforme Tristão, foram motivados por seu zeloso amor por Isolda, puxa a espada. Tristão também desembainha a sua espada, mas se deixa ferir. O rei chega a interferir para que Melot não produza mais golpes. Tristão cai por terra e sobre ele se inclina Isolda, desesperada.

A breve introdução que inicia o segundo ato começa por um fortíssimo e rude acorde dissonante (sétima maior). Com ele surge (violinos e madeiras agudas) o curto motivo do dia (M18), simples desenho de quatro notas, em ritmo violento, ameaçador, o qual corresponderá à ideia do dia, da luz, do sol, implacáveis e cruéis inimigos dos amantes. O prelúdio, em compasso binário e movimento vivo, descreve a espera de Isolda. A imperiosa aparição do mencionado motivo, concluído ou truncado bruscamente sobre outro acorde dissonante (sétima diminuída), segue-se um tremolo nas cordas, suavizando-se imediatamente para deixar

passo ao tema da impaciência (M19), o qual ascende em seu interrogante primeiro aspecto (o) exposto pelo clarinete baixo, acompanhado pelos segundos violinos e violas, por um ritmo entrecortado e anelado de incompleta tresquiáltera. Interrompe-se o motivo em um sol bemol, prolongado baixo o acorde que pulsa em ritmo de tresquiáltera (clarinetes e terceira trompa; em seguida fagotes), os quais também se interrompem, escutando-se um eco agudo, seguido de uma pausa. Impaciência de quem espera e escuta na expectativa. Repetem-se os quatro compassos, com ligeira diferença na instrumentação, e se ouve o segundo motivo (b) da impaciência (M19) que também ascende (fagotes e clarinete baixo), determinando uma reminiscência da exaltação. Por fim, a forma c origina uma frase mais ampla (violoncelos), melódica, em flexível curva, baixo o som contínuo da corda superior. Afirma-se o tom de si bemol maior, que predomina durante a primeira parte da cena inicial do ato, e ao novo compasso se enlaça dita frase com o tema do ardor amoroso (em realidade, da tocha) (M25), outra linha melódica flexível e delicada, exposta no timbre sutil da flauta, continuada em seguida pelo oboé sobre o estremecimento em tremolo da corda inferior. A esta nova frase segue-se o desejo (M20), escutando-se quatro vezes sob desenho anelante e incisivo que dialoga entre os violinos e diversos timbres de vento. A sua intensa palpitação responde o veementíssimo e apaixonado tema do amor infinito (M24), denominado também ímpeto apaixonado e êxtase de amor, que nos primeiros violinos e clarinete espraia seu tumultuoso e cálido lirismo. Toda a passagem, a partir da tocha, se reproduz num tom mais alto, ampliando-se algo mais o desenvolvimento do amor infinito. Por último, o desenho inicial do ardor, agora muito apaixonado e vigoroso, dialoga em corda e madeira, até que o motivo, fragmentado e inquieto, cai até a região grave, através de diversos timbres expirando nos violoncelos. Aqui deve-se observar uma vez mais a superficialidade dos comentaristas que batizaram os leitmotivos. Este do “ardor” ou “encontro amoroso” etc., encerra um sentido poético muito mais profundo do que o sugerido por tão triviais denominações. A ideia (M23 da táboa temática), sutilíssima a princípio, esvoaça vaporosamente pela orquestra, quase como um arabesco ou lírico clarão.

Veem-se jardins com altas árvores antes da morada de Isolda, à qual conduz um degrau lateral. Noite de verão, serena e magnífica. Junto à porta aberta há uma tocha acesa. Escutam-se trompas de caça. Brangäne, desde a grade, presta atenção ao ruído dos caçadores que se afastam. Então, mira com ansiedade a porta na qual aparece Isolda, muito agitada, aproximando-se de Brangäne.

CENA 1

M2 0 e M2 1

M2 1 Isolda - Ouves, então? Já se extinguiu o distante rumor?

Brangäne - Ainda se faz ouvir; ressoa claramente.

Isolda (escutando) - Temor e inquietude alarmam teus ouvidos. Te engana o murmúrio das folhas, nas que o vento sorri.

Brangäne - Te engana o veemente desejo de ouvir o que sonhas, (prestando atenção) - Ouço o som das trompas.

Isolda - Não é assim tão doce. Com suave e delicioso murmúrio cantam as ondas da fonte. Como poderia percebê-las, se ainda ressoassem as trompas? No silêncio da noite só me sorri o manancial. Acaso dizes que sonham bem próximas para manter longe de mim a quem espero na calada da noite?

Brangäne - A quem esperas!.. Oh, escuta minha advertência! Quando entra a noite estão acercando-se daqui espiões. Por que tu estás tão cega? Imaginas que te apagas-te também da observação do mundo? Quando a bordo, o rei Marke recebia a pálida noiva das mãos trêmulas de Tristão; enquanto todos, confusos, miravam a vacilante donzela, e o bom Rei, com terna solicitude, lamentava as fadigas que sofreste na larga travessia, houve um homem, um só - bem o adverti - que não afastava os olhos de Tristão. Com maligna astúcia, aquela prescrutadora olhada pretendia descobrir no rosto espreitado algo que servisse aos seus desígnios. Com frequência, tenho surpreendido o pérfido senhor espiando; sigilosamente enceta uma armadilha. Guarda-te de Melot!

M19 Isolda - Falas do cavaleiro Melot? Como te equivocas! Não é ele o mais fiel amigo de Tristão? Quando meu amado deve afastar-se de mim, só está com Melot.

Brangäne - Esse que se faz grato a teus olhos é precisamente suspeito para mim. Melot vai de Tristão a Marke, semeando más sementes...Hoje, em conselho, foi rapidamente acordada esta caçada noturna. Sua astúcia de caçador persegue uma presa mais nobre do que aquela que supõe a tua ilusão.

Isolda - Por piedade para com o mui amado amigo, deve ter Melot inventado esse ardil. Tentas ultrajar sua lealdade? Ele vela por mim melhor do que tu, abrindo o cerco que me oprime. Oh, evita-me o tormento da espera! O sinal, Brangäne! Oh, vai dar o sinal! Apaga o último fulgor! Convida a noite total para que desça...Ela já estendeu seu silêncio sobre o bosque e a casa. Já inunda o coração com sua inquietude maravilhosa. Apaga a tocha! Extingue o medroso resplendor! Permite que chegue o amado!

Brangäne - Oh, deixa brilhar a ardente tocha! Deixa-a advertir o perigo! Oh, dor! Desdita! Ai, miséria para mim! Filtro fatal! Infel um só dia, atraícoei a vontade de minha senhora. Se te houvesse prestado cega obediência, a morte havia sido tua obra. Porém teu opróbrio, tua afrontosa desgraça é fruto de minha culpa.

Isolda - Tua obra? Insensata! Não conheces a Mina (obs.: Frau Minne, personificação do amor na poesia germânica)? Ignoras O poder de seus encantamentos? Reina com audaz espírito; rege o devaneio universal e é dominadora para a vida e para a morte. Ela as trama em prazer e dor, transformando em amor o ódio. Eu, com medo, tentei segurar o fruto da morte. Mina o arrebatou de meu poder. Tomou como penhor quem se encontrava consagrada à morte e

M2 3 abarcou a obra inteira em sua mão. Que ela a guie e assinale seu fim. Que eleja a minha sorte e me conduza! Serei sua escrava! Deixa-me, pois, obedecer-lhe!

Brangäne - Se o filtro pérfido de Mina extinguiu a luz de tua razão, se não podes compreender minhas advertências, escuta hoje, ao menos, minha súplica. Não apagues nesta noite, tão somente nesta noite, a tocha salvadora, a luz que ilumina o perigo.

Isolda (corre até a tocha e a arranca da porta) - A que inflama o fogo em meu peito, que abrasa meu coração e me sorri como a aurora que espera a alma; Senhora Mina quer que

M2 0 venha a noite para resplandecer ali, onde tu luz a afugentas... e tu a vigias! Vigia-a em alerta! A tocha - assim foi a luz de minha vida - não temeria extingui-la rindo!

(Ela lança a tocha ao solo, onde se apaga. Brangäne, revelando consternação, se retira e em seguida sobe a escadaria por uma passagem exterior, desaparecendo lentamente. Isolda, presa **M19** de emoção e desejo, escuta e olha no rumo de uma afluência de árvores. Impulsionada por crescente ansiedade acerca-se do arvoredo, procurando divisar algo através da noite. Anima-se de pronto e agita-se ao vê-lo, primeiro lentamente, logo com passadas cada vez mais rápidas, que refletem suma impaciência. Ao distinguir de longe o seu amado, expressa com gestos sua alegria. Então ascende ao escalão superior e faz novos sinais àquele que se aproxima).

CENA 1

(Tristão chega impetuoso. Isolda lança um grito de júbilo e se precipita ao seu encontro. Abraçam-se com ardente paixão)

Tristão - Isolda! Amada!

Isolda - Tristão! Amado!

M2 2 Ambos (alternada ou simultaneamente) - Tu és meu? Possuo-te de novo? Posso estreitar-te? É certo? Finalmente! Vem, sobre meu coração! Te sinto realmente? És tu? São teus olhos? São teus lábios? Tua mão? Teu coração? Sou eu? És tu? Te possuo em meus braços? Não é ilusão? Não é um sonho? Oh, delícias da alma! Oh, a mais doce, Augusta, invencível, bela, celeste voluptuosidade! Prazer sem igual! Sem limites! Sobre-humano! Eterno! Eterno! Não pressentido nem

M2 4 conhecido jamais! Imenso e sublime! Delírio de alegria! Embriaguez voluptuosa! Fuga do mundo às alturas celestes! Tristão meu! Isolda minha! Somente meu! Somente minha! Eternamente! Tristão meu! Isolda para sempre minha! Eternamente! Isolda minha! Tristão! Isolda! Tristão! Isolda! Eternamente, eternamente um!

Isolda - Quão longa ausência! Quanto tempo distantes!

Tristão - Quão distantes e tão perto!

Isolda - Oh, inimigo da amizade! Pérfida distância! Torpe lentidão do prazeroso tempo!

Tristão - Ah, local muito distante e proximidade irreconciliáveis! Graciosa proximidade! Desoladora distância!

M2 0 **Isolda** - Tu nas trevas, eu na luz!

Tristão - A luz! Ah, a luz! Quanto tardou em extinguir-se! Descendo o sol, morreu o dia, porém não se extinguia a inveja dessa luz que acendeu seu sinal de alarme na porta de minha amada, para impedir-me de chegar até ela.

Isolda - Finalmente, a mão da bem-amada, apagou a luz! Opunha-se minha donzela, porém eu não temi, e sob o poderoso amparo de Mina desafiei o dia.

Tristão O dia! O dia! Ódio e maldição ao pérfido dia, ao implacável inimigo! Oh, se eu pudesse, como vingança dos sofrimentos do amor, extinguir o insolente resplendor do dia, como tu apagaste a tocha! Existem angústia e dor que não são despertadas pelos raios deslumbrantes? Ainda na sombria esplendidez da noite minha bem amada guarda em sua mansão a luz que se projeta ameaçadora.

(Obs.: Com as imprecações de Tristão à luz e ao dia encerra-se o vasto desenvolvimento deste período de duo que quase desaparece nas execuções habituais.)

Isolda - Se a amada mantém acesa a luz em sua morada, um dia brilhou no próprio coração rebelde o orgulho do amado, de Tristão, que me traiu. Acaso não mentiu ele à luz do dia quando foi à Irlanda para pedir minha mão para o rei Marke, consagrando a fidelidade à morte?

Tristão - O dia! O dia que, envolvendo-te em seu brilho, me roubava a Isolda, para igualá-la ao mesmo sol no esplendor das honras soberanas! O que ofuscou meus olhos, oprimiu meu coração; entre os fulgores deslumbrantes do dia, como poderia lograr possuir Isolda?

Isolda - Se não era tua aquela que te havia escolhido, como te enganou assim o perverso dia, fazendo com que atraicionasses a amada, predestinada para ti?

Tristão - Enquanto resplandeciam em teu derredor, com auréola majestosa: a auréola de honra e o poder da glória enfeitiçaram meu coração. O astro iluminou meus sentidos de radiante brilho; o sol diurno das honras mundanas com seus raios de vãs delícias trespassou minha frente, deslizando-se até o santuário recôndito do meu coração. O que velou oculto na sombra de uma casta noite, aquele que, sem sabê-lo, nem sonhá-la, vislumbrou vagamente: uma imagem que não ousavam contemplar meus olhos, se me revelou deslumbrante ao contato do esplendoroso dia. Então, ante o exército, ante o público inteiro, exaltei em voz alta minha visão gloriosa e augusta, a noiva mais formosa da terra, digna de um rei. Desafiei a inveja que o dia despertara, os zelos alarmados diante de minha exclamação, o desfavor que começava a ferir minha honra e minha fama, e a fim de conservar fama e honra imaculadas, resolvi lealmente partir para a Irlanda.

M6 Isolda - Oh, vão escravo do dia! Enganado por teu próprio engano, que sofrimento em meu amor a ti quando rodeado pelo falso brilho do dia, envolto na mentira de seu reflexo, eu te odiava intensamente no fundo de minha alma, ali onde, não obstante, acendia-se a chama abrasadora do amor. Ah, como atormentava meu coração essa profunda ferida! Quão pérfido me pareceu aquele, a quem eu ocultava secretamente o amor, rio mais recôndito de minha alma, quando a luz do dia o arrebatou de

meus olhos, apresentando- se depois diante de mim como um inimigo! Então eu quis fugir dessa claridade que se revelara traidora, e levar-te comigo para bem longe, para o seio da noite, onde meu coração me prometia o fim de todo o engano; onde se dissiparia a pressentida e falaz ilusão. Ali, para beber em tua honra o cálice do amor eterno, desejei consagrar-te comigo à morte.

Tristão - A doce morte em tuas mãos! Quando compreendi que me a oferecias; quando o pressentimento me revelou o prêmio certo e sublime prometido pela nossa reconciliação, senti envolta minha alma no benigno crepúsculo da noite, que desdobrava seu excelso domínio. Meu dia havia expirado!

Isolda - Porém te atraçou o pérfido filtro, desvanecendo-se tua noite! Ai, ansiavas

M2 4 unicamente a morte e foste devolvido novamente ao dia!

M1 Tristão - Oh, filtro bendito! Bem-vindos tua força e poder mágicos. Através dos umbrais

M2 4 da morte eles fluíram para mim, descobrindo-me o maravilhoso reino da noite, que até **M18** então só havia vislumbrado em sonhos. Da imagem recôndita em meu coração, o filtro alijou o enganoso resplendor do dia, e meus olhos, no meio da sombra, puderam contemplá-la em toda sua verdade.

Isolda - Mas o dia, afugentado, se vingou, conjurando-te com tuas próprias culpas: o que te revelara assim a noite crepuscular, tiveste que entregá-lo ao astro do dia, para que sob seu **M18** poder real vivesses solitário e reluzente, com ermo esplendor. Ah, como pude suportá-lo! Como pude todavia conformar-me?

Tristão - Oh, estávamos, pois, consagrados à noite! O pérfido dia, sempre invejoso, podia separar-nos com seus ardis, porém já não logrará enganar- nos com sua falácia. De seu vão fulgor, de seus ativos resplendores, defrauda- se a olhadela que se consagrou à noite. Seus fugitivos raios de luz tremelicantes já não podem cegar nossos olhos. Para quem ama a noite da morte, e recebe em confiança seu profundo mistério, se esfumam as mentiras do dia, a glória e a honra, a riqueza e o poder, deslumbrantes como o pó fugaz de um raio de sol. Entre **M2** 0 as vãs quimeras do dia, só prevalece um desejo: a aspiração à sagrada noite, em que sorri a verdade eterna e única, o êxtase do amor.

(Tristão conduz suavemente Isolda até um banco deflores. Em seguida cai aos pés da amada com a cabeça apoiada entre os seus braços)

M2 5 Ó noite de arrebatamento que desce sobre nós, noite de amor.

Isolda - O noite de encantamento que desce sobre nós, noite de amor, Tristão -Dá-me o esquecimento para poder viver.

Isolda - Dá-me o esquecimento para poder viver.

Tristão - Acolhe-me em teu seio.

Isolda - Acolhe-me em teu seio.

Tristão - Liberta-me do mundo!

Isolda - Liberta-me do mundo!

Tristão - Já se extinguiram os últimos fulgores;

Isolda - Enquanto pensávamos, enquanto sonhávamos,

Tristão - Tudo de nossas saudades,

Isolda - Tudo de nossas imagens,

Ambos - Presentimento sublime do sagrado crepúsculo, anseio da ilusão, tu apagas o horror da loucura e nos libertas do mundo.

Isolda - Se o sol se obscureceu em nossas almas, agora luzem sorridentes as estrelas do deleite.

Tristão - Docemente enlaçados pelo seu encanto, transfigurados diante de seus olhos.

Isolda - Meu coração no teu coração, minha boca na tua boca...

Tristão - Unidos em um único fôlego.

Ambos - Extingue-se minha visão, cega-se entre as delícias, o mundo empalidece em seu deslumbramento...

Isolda - Este mundo que o dia ilumina de uma ilusão.

Tristão - Ele que estendeu para mim suas mentirosas ilusões.

Ambos - Eu sou o verdadeiro mundo: suprema criação da voluptuosidade, vida sublime do amor, jamais revelada, jamais pensada, desejo de sonho eterno, sem ilusão, nem despertar!

(Tristão e Isolda submergidos como em um total esquecimento do mundo, apoiados cabeça contra cabeça sobre o banco deflores)

A Voz de Brangäne (vindo da plataforma) - Solitária velo na noite! Vós outros, para quem sorri o sonho do amor, prestai ouvido à voz que pressagia a desdita dos adormecidos, e temerosa exorto-vos a despertar. Tende cuidado! Tende cuidado! Atenção! Alerta! Logo, logo, evade-se a noite!

Isolda (docemente) - escuta, amado meu!

Tristão - (docemente) - Deixa-me morrer!

Isolda - (gradualmente levantando-se um pouco) - Sentinela ciumenta!

Tristão - (sempre deitado sobre o banco) - Não despertar jamais!

Isolda - Deve o dia despertar Tristão?

Tristão (levantando um pouco a cabeça) - Deixa que a morte vença o dia!

Isolda - O dia e a morte, com golpes iguais, poderiam destruir nosso amor?

Tristão (levantando-se mais) - Nosso amor? O amor de Tristão? O teu e o meu? O amor de Isolda? Aos golpes de qual morte poderiam eles sucumbir? Ainda que estivesse ela diante de mim, a temível morte, ameaçando meu corpo e minha vida, para que por eles eu abandonasse o amor, como haveria ela de ferir com seus golpes o amor mesmo? Se eu morresse feliz por este amor, poderia sendo eterno parecer comigo? Porém se o amor de Tristão jamais sucumbirá, como haveria Tristão de morrer por seu amor?

Isolda - E não tem um nome nosso amor: Tristão e Isolda? Se Tristão morresse, a encantadora vogal “e”, que nos une num laço de amor, não seria destruída pela morte?

Tristão - Quem haveria de sucumbir à morte senão aquele que impedisse Tristão de amar sempre a Isolda e a viver eternamente somente para ela? **Isolda** - Todavia se se destruísse a vogal “e”, não se aniquilaria com ela a própria vida de Isolda ao ferir a morte a Tristão?

M2 7 Tristão (atraindo docemente Isolda sobre seu coração) - Então estaríamos mortos para não mais nos separar, para sempre unidos na eternidade, sem despertar, sem temor, sem nome, abraçados no amor, inteiramente entregues um ao outro e não vivendo senão para o amor.

Isolda (em êxtase, os olhos sobre ele) - assim nós morreríamos para não mais nos separar.

Tristão - Unidos para sempre na eternidade.

Isolda - Sem nunca acordar...

Tristão - Sem nunca ter medo..

Ambos - Sem nome estreitados no amor, inteiramente entregues um ao outro e não vivendo senão para o amor.

(Isolda, como subjugada, apoia sua cabeça sobre o peito de Tristão)

A Voz de Brangäne - Tende cuidado! Tende cuidado! Logo, logo evade-se a noite.

Tristão (sorrindo, inclinado sobre Isolda) - Devo escutar?

Isolda (levantando ardentemente os olhos sobre Tristão) - Deixa-me morrer!

Tristão - (mais sério) Tenho que despertar?

Isolda - (mais agitada) Não despertar jamais!

Tristão (insistente) O dia deve ainda despertar para Tristão?

Isolda (com exultação) Deixa que a morte vença o dia!

Tristão - Arrostando as ameaças do dia?

Isolda - (com crescente entusiasmo) - Evitar para sempre sua mensagem.

Tristão - Sem que nunca nos angustie sua aurora?

Isolda (levantando-se com um grande gesto) - Envolve-nos a noite por toda a eternidade!

(Tristão segura Isolda, abraçando-a com exaltação)

Ambos - Oh, doce noite! Eterna noite! Augusta e sublime noite de amor! Aquele a quem tu amparas e para quem sorris, como poderia despertar sem angústia fora de ti? Morte propícia, dissipa inquietudes e temores! Oh, morte de amor, ardentemente desejada! Recebemos o teu abraço, entregues a ti, ao calor do teu sagrado sono, redimidos das misérias do despertar. M2 9 Como alcançá-lo? Poderíamos renunciar a tal delícia? Longe do sol, longe do lamento que geme no dia! Suave aspiração sem quimeras vacilantes, doce anseio sem angústia, sublime morrer sem agonia, benignas trevas sem enfraquecimento! Sem separação nem fuga, íntima solidão na morada eterna! Sobre-humanos sonhos através do infinito espaço! Tu, Isolda; eu, Tristão! Já não somos Tristão nem Isolda! Sem nomes que nos separem! Uma nova essência! Uma nova chama ardente!... Sem fim! Um só ser pela eternidade! Uma consciência! Um coração abrasado no supremo deleite do amor!... (os amantes permanecem extasiados).

CENA 2

(os mesmos, Kurwenal, Brangäne, Marke, Melot, cortesãos) (Tristão e Isolda permanecem perdidos no seu êxtase. Ouve-se um grito estridente de Brangäne. Kumewal chega correndo, com a espada à mão)

Kurwenal - Salva-te, Tristão!

(Olhando sempre com terror para trás, de onde procedem, precipitadamente, Marke, Melot e vários cavaleiros, em traje de caça, os quais avançam e se detêm frente aos amantes, observando-os com expressões e atitudes diversas. Brangäne desceu da torre e corre pressurosa para junto de Isolda, a qual, com um impulso repentino de pudor, se apoia no banco deflores ocultando o rosto. Simultaneamente, Tristão, movido por outro impulso análogo, levanta o braço e estende o seu manto sobre Isolda, que assim fica oculta aos olhos dos recém-chegados.)

Permanece algum tempo nessa atitude, imóvel, olhando fixamente aos que os surpreenderam. Clareia a manhã. Esta cena contém três fragmentos: o lamento de Marke, a despedida de

Tristão e o duelo provocado pelo herói. O motivo da caça anuncia, lugubrememente, a chegada de Marke; a seguir, o motivo da impaciência, também muito desfigurado, o qual traduz no rude staccato a contratempo das cordas os rápidos passos dos que haviam preparado a surpresa). Tristão (depois de um longo silêncio) - O triste dia, pela última vez!

Melot (a Marke, mudo de estupefação) - Dize-me, Senhor, o acusei injustamente? Resgatei minha cabeça que eu te dei em caução? Eu te mostro o flagrante delito: teu nome e tua honra **M3** - O eu os tenho fielmente salvo do opróbrio.

Marke (após um instante de profunda forte e repentina emoção, com uma voz trêmula) - Tu realmente fizeste isto? Eu creio em ti verdadeiramente? Tu o vês lá, o mais leal dos leais; olha para ele, o mais amigo dos amigos: o ato o mais franco de sua fidelidade a dilacerar meu coração pela mais negra traição. Se Tristão me traiu eu poderei esperar que, com os golpes trazidos por sua perfídia, só o conselho de Melot basta para me restaurar a honorabilidade?

Tristão (com veemência convulsiva) - Fantasmas do dia! Alucinações da manhã, enganosas e sinistras, fugi! Desaparecei!

Marke (com profunda emoção) - Isto a mim, Tristão? Onde está a fidelidade, se Tristão me enganou? Que se fizeram da honra e da lealdade, posto que as perdeu Tristão, guardião de toda a honra. A virtude que o elegera por escudo, onde está ela então abalada, posto que ela se foi e com ela meu amigo, por quê Tristão me traiu?

(Silêncio. Tristão baixa lentamente os olhos para a terra, seu rosto e sua atitude demonstram compreender, enquanto Marke continua, numa tristeza crescente)

Com que finalidade os inumeráveis serviços, honras e glórias, grandeza e poderio por ti conquistados para Marke, se tão altos favores haveriam de ser pagos com tua afronta? Desdenhaste sua gratidão, já que tudo quanto o havias conquistado, fama e reino, te legava em herança e patrimônio! Viúvo, sem filhos, só, Marke te amava tanto, que nunca aceitava contrair novas núpcias. Quando todo o povo na corte, e o país, o compeliu com súplicas e também ameaças a eleger uma esposa e soberana para o reino, tu mesmo conjuraste a teu tio para que acedesse bondosamente aos desejos da corte e à vontade da nação.. Com generosos pretextos, e em teu próprio favor, me opus a todos e ainda a ti, até que me expressaste a decisão de abandonar para sempre meu reino, se tu mesmo não fosses enviado em busca da noiva para o rei. Só então acedi. Quem poderia contemplar essa mulher maravilhosa que me conquistara tua estima, quem poderia conhecê-la e chamá-la sua, sem sentir-se feliz e orgulhoso? Dela, apesar dos meus desejos e vontade, nunca ousei acercar-me, ela a quem meu ardor renunciara por um tímido respeito, ela que, magnífica, graciosamente sublime, devia reanimar meu coração, malgrado perigos e inimigos, ela a noiva principesca. E agora, que com a possessão de tal tesouro tu tornaste meu coração mais sensível do que ele nunca o foi jamais à dor, por que dilacerá-lo em sua fibra mais sensível e terna, ali onde já não pode **M30** restar-me esperança alguma de cura? Por que a mim, desventurado, ferir-me com tal golpe? Assim me cravaste a arma peçonhenta, cujo terrível veneno devora e abrasa meu cérebro e minha alma. Assim morre a fiel amizade, atormenta-se em

suspeitas meu confiado coração, e observando, na obscura noite, surpreendo o amigo, para contemplar o fim da minha M1 honra. Por que submergir-me em tal inferno, do qual nenhum céu pode salvar-me? Por que a ignominiosa afronta que nenhum suplício pode expiar? Que motivo insondável, terrivelmente misterioso, lograria arrostar ante o mundo esse profundo enigma?

Tristão (olhando com piedade e respeito a Mark) - Oh, Rei! Isto eu não posso te dizer, e o que tu perguntas, isso nunca tu poderias entender (ele volta-se para Isolda, com olhos M2 6 suplicantes). Tristão vai partir; queres segui-lo, Isolda? Lá no país para o qual pensa ir Tristão a luz do sol nunca brilha: é o país sombrio e noturno de onde minha mãe me enviou, quando, na morte, ela me deu à luz e na morte me colocou no mundo. O lugar onde ela me deu à luz e que era seu asilo de amor, o reino maravilhoso da noite, do qual há pouco eu fui desperto: é esse reino que te oferece Tristão, que vai preceder-te no caminho: que Isolda lhe diga agora, se, fiel e sua, ela vai segui-lo.

Isolda - Quando, para um país estrangeiro, o amigo, outrora, a buscou, fiel e sua, Isolda deveu seguir aquele que não era para ela. Agora tu me conduzes para o teu bem, para me mostrar tua herança, como não fugirei para o país que abraça todo o universo? Lá onde estão a casa e a pátria de Tristão, Isolda ali entra e ela o segue fiel e sua, mostra logo o caminho à Isolda! (Tristão se inclina lentamente até ela e a beija suavemente na fronte. Melot explode de raiva)

Melot - Ah, traidor! Vingança, Rei! Deves tu sofrer este ultraje?

Tristão (volta-se rapidamente, tirando sua espada)

Quem arrisca sua vida contra a minha?

(Olhando fixamente Melot)

Este aqui era meu amigo e dizia que me amava muito e fielmente; com seu afeto por mim logrou conquistar-me como nenhuma fama e honras.. Impulsionava meu coração ao orgulho e guiou muita gente para me induzir a compelir-me a te buscar para desposar-te com o monarca, aumentou, assim, minha soberba gloriosa. Teu olhar, **Isolda**, também o deslumbrou...Ciumento, o amigo me traiu com o rei a quem eu atraíçoei! Defende-te, Melot!

(O acomete. Melot estende a espada e Tristão deixa cair a sua, desaprumando-se ferido caindo nos braços de Kurnewall. Isolda se precipita sobre seu peito. Marke detém a Melot Cerra-se a cortina rapidamente).

Fim do Segundo Ato

Terceiro Ato

O prelúdio do terceiro ato nos envolve no ambiente da ação. Sua linha melódica grave, profunda, sombria e de desolação (fá menor) comove intensamente. Desde os primeiros compassos, a música lamenta a dor da solidão, o pranto da ausência, a nostalgia incurável. O primeiro violino, associado ao timbre das trompas (diálogo entre a primeira e a terceira) canta um tema de índole muito diferente por sua ondulante e doce linha melódica, desenvolvida em progressão. É uma frase altamente expressiva, de agudo, de queixume e de dor. Ao extinguir-se a voz dos violinos, começa a melodia triste do pastor (M35), larga frase de 42 compassos, desenvolvida pelo corne inglês, interno. Este amplo solo, sem harmonização alguma - como tampouco se achava harmonizada a canção do marinheiro, inicial do drama -, confiada ao timbre de queixume e rústico do instrumento que o executa, é toda poesia e desolação. Dor melancólica feita música, a alma da natureza triste, do romântico e abandonado castelo, do mar, da paisagem, da solidão. Pintura e psicologia se fundem e aparecem na inspiração musical de uma singela melodia bucólica. A mencionada melodia do charamelo pastoril se compõe de várias nuances que se vão alternando e repetindo-se, para formar no corne inglês e logo na orquestra, a trama musical de quase toda a cena.

Os jardins de um castelo. De um lado dos altos muros da fortaleza ao outro um parapeito, no qual se eleva uma vigia. À frente o portão. Acha-se a paragem sobre um alto monte escarpado. No fundo, através dos espaços livres, a vista se estende pelo vasto horizonte do mar. O conjunto oferece aspecto de grande abandono de total deterioração. Em primeiro plano, sobre uma cama improvisada, à sombra de uma frondosa tília, dorme Tristão, parecendo sem vida. A sua cabeceira está sentado Kurwenal, que se inclina em dolorosa atitude sobre o leito, observando angustiado a respiração de seu senhor. Ao longe escuta-se a melodia melancólica e lânguida que toca um pastor em sua charamela.

CENA 1

O Pastor (aparece em meio corpo sobre o parapeito, contemplando com emoção a cena, e prescrutando o mar) - Kurwenal! Olá, Kurwenal! Diz-me, bom amigo! Se ele despertou?

Kurwenal (movendo a cabeça com triste expressão) - Se ele despertasse só seria para nos abandonar para sempre...A menos que chegasse antes a única salvadora que pode socorrer-nos. Não tens visto nada ainda? Nenhum navio no mar?

O Pastor - Outra melodia terias ouvido, a mais alegre que sei. Dize-me agora com franqueza, velho amigo, o que aconteceu a nosso senhor?

Kurwenal - Não me perguntes! Nunca poderás sabê-lo...Vigia atento e se vires um navio toca uma melodia viva e alegre.

O Pastor (mirando o mar, com a mão sobre os olhos) - Vazio, deserto está o mar!

(Coloca seu cachimbo entre os lábios e se afasta lentamente, depois toca) Tristão (depois de longo silêncio, move-se, com surda voz) - A velha melodia! Por que ela me desperta? Onde estou?

Kurwenal (esforçando-se. observando Tristão) - Ah, esta voz! Sua voz! Tristão! Meu Senhor!

Tristão (esforçando-se por falar, abre os olhos e levanta um pouco a cabeça)

Quem me chama?

Kurwenal - Finalmente! Finalmente! Vive! Ó, vive! Doce vida, foste devolvida ao meu Tristão!

Tristão (com muito esforço) - Kurwenal, és tu? Onde estive? Onde estou?

Kurwenal - Onde estás? Livre e seguro, repousando na paz de Kareol, Senhor! Não reconheces o castelo de teus pais?

Tristão - De meus pais?

Kurwenal - Olha somente em volta!

Tristão - Que som eu ouvia?

Kurwenal - Escutavas novamente a melodia do pastor. .Na pradaria ele guarda teus rebanhos.

Tristão - Meus rebanhos?

Kurwenal - Sim, Senhor, com certeza! Teus aqui são a moradia, o recinto, o castelo. Tua gente, teus vassaldos, fiéis ao amado senhor, cuidaram como melhor puderam da mansão e do castelo, que um dia cedera meu senhor, em herança e patrimônio a seus servos, a seu povo, quando a todos abandonou para ir-se a estrangeiras terras.

Tristão - A que terras?

Kurwenal - Ah, para Komwall! Valente e ditoso, quanto esplendor, quanta glória e honras lá conquistou, nobremente, o herói Tristão!

Tristão - Estou em Komwall?

Kurwenal - Não, em Kareol.

Tristão - Como vim parar aqui?

Kurwenal - Ah, como vieste? Não foi a cavalo. Conduziu-te um barco e até ele foste em meus ombros. Amplas ainda são as costas que te levaram até à margem. Agora estás em tua propriedade, em tua verdadeira pátria, na terra natal, em teus próprios prados, no ditoso país, ensolarado pelo velho sol. Aqui sararás felizmente de tua ferida e escaparás da morte.

(Obs.: Aqui termina o primeiro fragmento desta imensa cena que ocupa a maior parte do ato, e a qual, mesmo com suas vastíssimas dimensões é de extraordinária beleza)

Tristão (depois de breve pausa) - Assim o crês? Eu sei que será diferente, porém não posso explicar-te. Lá onde acordei eu não me detive, mas, onde me encontrei, não posso te dizer. Eu não vi o sol, nem terra, nem povo. Todavia o que eu vi eu não posso te dizer. Eu estive onde desde sempre eu estive, para onde eu ainda vou: ao vasto império da noite universal. Lá só se possui um conhecimento: o divino, o eterno e primitivo esquecimento. Como se desvaneceu tal presságio? Pressentimento do desejo, de novo me impeles até à luz do sol? Só conservo a ardente chama do amor que me impulsiona desde a sombra deliciosa da morte a contemplar a luz enganosa, clara e dourada, que brilha todavia para ti, Isolda!

(Kurwenal, aterrorizado, oculta sua cabeça entre as mãos. Tristão continua, enquanto se mexe cada vez mais)

Isolda permanece, todavia, no reino do sol! Entre o fulgor do dia encontra-se ainda Isolda! Que desejo angustioso e ardente de vê-la! Então poderão fechar-se diante de mim as portas da morte, que agora se me abrem amplamente de novo. Elas surgiram sob os raios do sol! Com clara e desperta revista, surgindo da noite, hei de buscá-la, vê-la, encontrá-la.. Unicamente perecer e consumir-se nela, seja-o concedido a Tristão” Ai, sinto crescer em mim o tormento feroz do pálido, angustioso dia! Seu astro penetrante e falaz desperta meu cérebro ao engano, à ilusão! O’ dia! Malditos sejam teus resplendores! Velarás eternamente sobre minha tortura? Arderá para sempre a tocha que ainda na noite me afastava temerosamente dela? Ah, doce e terna Isolda! Quando, ai, quando extinguirás a tocha, anunciando-me a felicidade? Quando expirará a luz? Quando descerá a noite sobre tua morada?

Kurwenal (procurando vencer sua viva emoção) - Aquela a quem eu ultrajei um dia, em razão da minha fidelidade a ti, anseio agora vê-la aqui, tanto quanto tu mesmo... Crê em minhas palavras. Aqui a verás, certamente ainda hoje. Se ainda vive, poderá oferecer-te esse consolo.

Tristão (muito abatido) - Todavia não se extinguiu a luz! Ainda não penetrou

a noite em tua morada! Isolda vive e vela! Chama-me desde o sono da noite!

(Obs.: Kurwenal enviou um fiel servidor em busca de Isolda, para que cure a ferida, o mal físico de Tristão, que o aflige tanto, e o tema correspondente evoca a antiga miséria do herói, salvo então por Isolda. Os segundos violinos realizam aqui um desenho musical muito expressivo. Estala a alegria delirante de Tristão e sua emoção ante a bondade e nobreza do velho Kurwenal. O tema (M34), impetuoso e exaltado, reflete um momento dramático muito completo espiritualmente, lembrando a gratidão, a alegria e a fidelidade)

Kurwenal - Já que vives, deixa sorrir a esperança! Ainda que eu te pareça torpe, hoje não repreenderás Kurwenal.. Jazias como morto desde o dia em que te feriu o malvado Melot. Como curar a funesta ferida? Ainda ignorante, imaginei que quem soube fechar a chaga

causada por Morold, curaria também a ferida aberta pela espada de Melot. Encontrei essa benéfica mão, a melhor médica, e enviei a Cornwall um homem fiel que em seu navio trará ainda hoje Isolda.

Tristão (delirante de alegria) - Isolda vem! Isolda chega! Oh, fidelidade nobre e sublime!

(Abraçando a Kurwenal)

Oh, Kurwenal, meu amado amigo de lealdade inquebrantável! Como poderá Tristão te agradecer? Eras meu escudo e muralha no combate, compartilhando sempre comigo sofrimentos e alegrias. Odiaste a quem me aborrecia, amavas a quem eu amava. Servi, solícito,

M33 ao bom Marke, e para ele foste mais fiel que o ouro. Traí o nobre senhor e tu logo o traíste sem vacilar. Não te pertences, és unicamente meu. Porém ainda que sofras se eu sofro, o que eu padeço agora não podes tu sofrê-lo. Oh, se eu pudesse dizer-te qual é o terrível desejo que me abrasa, a ardorosa languidez que me devora, se pudesses compreender tal martírio, não permanecerias aqui. Corrierias, voando até a vigia, e ansioso, aguçando teus sentidos, espiarias o mar para divisar bem longe as velas que se inflamam ao vento, lá onde Isolda navega para chegar a mim, impulsionada pela ânsia abrasadora do amor! Avança até lá! Chega lá com intrépida rapidez! Ondeia o cortinado sobre o mastro! O navio, o navio! Roça os escolhos! Não o vês? Kurwenal, não o vês?

(Kurwenal, que não quer afastar-se de Tristão, vacila. Tristão o mira com muda impaciência. Então, como no princípio do ato, apruma os ouvidos para afastar-se logo paulatinamente, para ouvir mais perto a melodia de lamento do pastor)

M3 5 Kurwenal (abatido) - Ainda não se divisa nenhum navio!

Tristão (Escuta, enquanto vai acalmando-se na sua exaltação. Depois, com tristeza crescente) - Poderei compreender-te, ó velha e grave melodia de som de queixume? Flutuando nas brisas do entardecer, chegaste um dia, melancólica, até mim, quando ainda era menino, para anunciar-me a morte de meu pai. Mais ainda lamentosa ressoaste através da aurora cinzenta para revelar ao terno filho o destino materno. Quando meu pai me gerou e morreu; quando minha mãe, moribunda, me deu à luz, a antiga melodia, lânguida e dolente, transportava o lamento de seus ecos angustiosos. Como então hoje me pergunto: a que destino fui consagrado? Para que nasci? Qual foi minha sorte? A velha melodia mo repete agora: para desejar e morrer! Oh, não! Assim não o diz! Desejar, desejar! Desejar até à morte, sem poder morrer de desejo! Imortal, invoca agora, anelante, a longínqua dispensadora da saúde, para que eu possa morrer em paz. Mudo, moribundo, jazia na barca. A melodia chorava suas queixas e desejos; o vento encheu a vela, levando-nos até a filha da Irlanda. Ela curou minha ferida; com a espada queria abri-la de novo... Mas deixou cair a arma, para oferecer-me um filtro envenenado... e quando eu esperava completa cura, me consagrou o encantamento mais danoso, a fim de que jamais morresse, condenando-me ao suplício eterno. O' filtro! A bebida! Terrível filtro! Com ânsia furiosa me devoras o coração e o cérebro! Não há salvação, não há doce morte que possa libertar-me da tortura do desejo. Em nenhum sítio me

é concedido repousar! A noite me impele ao dia para que eternamente minhas dores deleitem a insaciável mirada do sol. Oh, como abrasa meu cérebro com o tormento ardoroso de seus candentes raios! Nenhuma sombra noturna logra refrescar o ardente fogo que assim me consome! Que bálsamo poderia aliviar o horrível martírio de semelhantes dores? Eu mesmo,

M3 7 eu mesmo preparei o espantoso filtro que me condenava ao tormento! Com os infortúnios de meu pai e sofrimentos de minha mãe, com as lágrimas de amor que sempre verti, com riso e pranto, deleites e sangue, compus os venenos daquela poção. Oh, filtro horrendo que eu preparei, que fluíste para fazer-me apurar delícias jamais gozadas..Maldita sejas, bebida espantosa! Maldito quem te criou!

(Cai desvanecido)

(Obs.: A ideia do filtro se afasta sempre de seu caráter material. Aqui vem a ser como complemento da “melodia triste ” pastoril. A imagem sonora da alma, da vida de Tristão se amplifica deste modo com a significação psicológica do filtro do amor até o ponto culminante: ‘maldita sejas espantosa bebida!’)

Kurwenal (depois de haver-se esforçado em vão por acalmar Tristão, exclama aterrorizado) - Meu amo! Tristão! Espantoso feitiço! Oh, engano do amor! O’ poderosa paixão! Sedutora ilusão do mundo, como te desvaneces! Aqui jaz o cavaleiro que encantava e sabia amar como ninguém amou... Eis aí o prêmio que conquistaste, o qual nunca alcançara Mina...

(Soluçando)

Estais agora morto? Vives, ainda? Arrebatou-te a maldição?

(Escutando-lhe o peito)

O’ arrebatamento! Não! Ele se mexe, ele vive! Move suavemente os lábios!

Tristão (voltando a si lentamente) - O navio. Não o vês ainda?

Kurwenal - O navio? Certamente, já se aproxima; não tardará..

Tristão - Nele Isolda me saúda! Brinda amavelmente por nossa reconciliação! Não a vês ? Tu ainda não a vês? Como ela, feliz, majestosa e com doçura cruza os campos do mar! Suavemente vem luminosa para a terra, sobre afáveis ondas de deliciosas flores. Seu sorriso procura me dar consolo e doce repouso. Traz para mim o supremo bálsamo. Ah, Isolda! Isolda! Quão formosa és! E tu, Kurwenal, como não a vês? E a vigia acima, pícaro inútil! É possível que não percebas o que eu vejo tão claro e luminoso? Não me ouves? Pronto, sobe até a vigia! Estás já em teu posto? O navio! O navio de Isolda! Deves vê-lo! Não o vês ainda?

(**Kurwenal** titubeia em obedecer a Tristão. De fora o pastor faz ouvir uma melodia alegre)

M3 9 Kurwenal (jubiloso, subindo rapidamente ao torreão) - O'encanto! O' alegria! O navio! Do norte eu o vejo aproximando-se!

Tristão - (com crescente exaltação) - Não o sabia? Não o disse? Que ela ainda vive, ainda tece para mim a vida? Como poderia falar-se Isolda fora do mundo, se todo este mundo é ela?

Kurwenal (desde a vigia, com alegres exclamações) - Ah, que valente navega o barco! Enchem-se suas velas com força poderosa! Como avança, veloz! Voa!

Tristão - O pavilhão? O pavilhão?

Kurwenal - A bandeira está flutuando no mastro, alegre e brilhante!

Tristão - Da alegria! No dia luminoso, Isolda vem a mim. Tu próprio a vês?

Kurwenal - Agora se oculta o navio por trás das rochas!

M4 0 Tristão - Por trás do escolho? Corre perigo? Ah, no furioso rompimento, despedaçam-se os navios!. Quem dirige o timão?

Kurwenal - O melhor piloto.

Tristão - Não me atraicionará? Não será aliado de Melot?

Kurwenal - Confia nele com em minha mão!

Tristão - Traidor tu também? Desgraçado! Tu a vês de novo?

Kurwenal - Na verdade, não!

Tristão - Perdida!

Kurwenal - Ah, viva! Passaram com felicidade! Já passaram! (O navio toma a corrente; agora dirige-se ao porto).

Tristão (radiante de júbilo) - Ah, Viva! Kurwenal, fidelíssimo amigo! Hoje lhe legarei todos os meus domínios, todos os meus bens!

Kurwenal - Acercam-se do porto a toda vela!

Tristão - Oh, bem-aventurada mulher!

Kurwenal - O navio entra no porto! Isolda, de um salto, lança-se à margem!

Tristão - Baixa o torreão, bobo preguiçoso!

Kurwenal - A subirei até aqui. Confia em meus braços; porém tu, Tristão, promete-me permanecer no leito.

(Sai precipitadamente. Tristão, deitado, agita-se de terrível exaltação)

(Obs.: Um instante sombrio está na ‘angustia’ (M4 5) de Tristão, ao cruzar a nave ao lado dos escolhos. Todavia, as exclamações de Kurwenal e a explosão da orquestra, com o tema alegre, proclama a vitória do navio.)

CENA 2

Tristão - Oh, sol! Oh, dia radiante de felicidade! Sangue que flui! Embriaguez do espírito, gozo sem limites, delírio de alegria! Como resisti-los preso ao leito? De pé, em marcha, até onde os corações palpitam! Tristão, o herói, com o vigor de seu júbilo, se arrancou das garras da morte! Padecendo sangrenta ferida, venci um dia a Morold! Agora, com minha ferida sangrando, vou conquistar Isolda!

(Arrancando as ataduras)

Ah, corre meu sangue jubilosamente!

(Levantando-se, cambaleando, do leito)

Vitoriosa chega a que cicatrizará minha ferida para toda a eternidade, trazendo a saúde! Pereça, no entanto, o mundo aos impulsos de minha impaciência delirante!

(Avança, penosamente, até o meio da cena)

Isolda (desde longe) - Tristão! Amado!

Tristão (com espantosa exaltação) - Ah! Olho a luz! A tocha!. A tocha se apaga! A ela! A ela!

(Precipita-se, tropeçando e vacilante, até Isolda, que entra correndo para recebê-lo em seus braços)

Isolda - Ah, Tristão!

Tristão (moribundo, mirando-a fixamente) - Isolda!

(Desapruma-se entre os braços de Isolda e cai lentamente ao solo)

Isolda - Ah! Sou eu! Sou eu.. amadíssimo e dulcíssimo amigo! Levanta-te! Escuta mais uma vez minha voz! Isolda te chama! Isolda veio, fiel, para morrer com Tristão! Por que permaneces mudo para mim? Agora, uma hora; somente uma hora fica comigo desperto! Velei tantos dias angustiosos para velar contigo um instante! Enganará Tristão a Isolda, no momento supremo do eterno reencontro? Enganará Isolda, a enganará Tristão, nessa única e eterna brevidade, no último momento da felicidade terreal? A ferida! Onde está? Deixa-me curá-la, para compartilhar contigo as excelsas delícias da noite! Não! Não sucumbas a tua ferida! Não morras! Unamo-nos e extinga-se em nós juntos a luz da vida! Apagou-se tua vista? Rígido o coração! (Tristão infiel, por que me atormentas) Não é o fugitivo alento de um suspiro! Há de permanecer em tua presença,

soluçando, quem cruzou o mar, intrépida, para desposar-se contigo no deleite? Demasiado tarde! Cruel, tão duramente me castigas? Sem piedade para minha dolorosa culpa? Só um instante, .um instante ainda! Tristão..escuta..desperta..amado!

(Cai desfalecida sobre o cadáver de Tristão)

CENA 3

(Kurwenal, que chegou atrás da Isolda, silencioso, com terrível ansiedade, presencia a cena, mantendo fixos seus olhos sobre Tristão. De pronto, ouve-se no fundo, lá em baixo, surdo tumulto e choque de armas. O pastor salta o parapeito e corre até Kurwenal, falando com ele em voz baixa)

O Pastor - Kurwenal! Escuta! Outro navio!

(Kurwenal estremece e olha por cima do parapeito, enquanto o pastor, comovido, contempla, de longe, Tristão e Isolda)

Kurwenal (enfurecido) - Inferno e morte! Preparem-se todos! Reconheço Marke e Melot! Armas e pedras! Ajuda! Corramos à porta!

(Precipita-se até a porta e a tranca, formando uma barricada. Entretanto, chegou o piloto com aspecto de fugitivo)

O Piloto - Marke me persegue com seu exército! A defesa é inútil! Estamos perdidos!

Kurwenal - Para o alto aqui e nos ajude! Enquanto eu viver, ninguém entrará!

Brangäne (de longe) Isolda! Senhora!

Kurwenal - A voz de Brangäne? Que buscas aqui?

Brangäne - Kurwenal não feches o portão! Onde está Isolda?

Kurwenal - Traidora, tu também? Ai de ti infame!

Melot (de fora) - Para trás, néscio! Não tentes resistir!

Kurwenal (com selvagem gargalhada) - Bem-vindo o dia em que te encontro! (Melot, rodeado de homens de armas, aparece no portão. Kurwenal se lança sobre ele e o derruba)

Kurwenal - Morre, pérfido malvado!

Melot (expirando) Ai de mim! Tristão!

Brangäne (de fora) - Kurwenal, furioso! Escuta! Te enganas!

Kurwenal - Donzela infiel!

(aos seus)

Segui-me! Acompanhai-me!

(Combatem)

Marke (aparecendo no portão, arrodado de seu séquito) - Para trás, insensato!

Brangäne(consegue entrar no recinto pelo lado do parapeito e corre até a parte dianteira) Isolda! Senhora! Trago a felicidade! A salvação! Que vejo! Ah, vives, Isolda! (Nesse tempo, Marke e seus acompanhantes conseguiram rechaçar a Kurwenal e aos outros defensores. Entra o Rei. Kurwenal, gravemente ferida, retrocede, cambaleando-se, até o proscênio)

Marke - Oh, engano! Tristão, onde estás?

Kurwenal - Aqui jaz! Aqui onde eu também morrerei!

(Cai aos pés de Tristão)

Marke - Tristão! Isolda! Oh, desdita!

Kurwenal (pega uma mão de Tristão)

Tristão amado! Não te enojas se teu fiel te acompanha (morre)

Obs.: A morte de Kurwenal é o fim e o momento mais interessante do combate, episódio de mera ação cênica, durante o qual a orquestra forma um fundo de sonoridade tumultuosa, com a recordação dos temas entre os que se destacaram no terceiro fragmento da ‘melodia triste’, surdo rumor das cordas, que flutua sempre com sua fatalidade implacável, a ‘abnegação \ expirante, se extingue nos violinos e violoncelos, acompanhando as últimas palavras do escudeiro, e um eco apagado do tema de Kareol (oboés, fagotes, violoncelos), que se desvanece com a alma de Kurwenal. Logo merecem mencionarem-se os compassos de Marke sobre uma evocação do canto de Brangêna no primeiro ato, quando esta procurava acalmar a desesperação de sua senhora.

M3 6M4 1 Marke - Todos estão mortos! Meu Tristão! Meu herói! Amadíssimo amigo! Também hoje me atraicionarás quando venho demonstrar-te minha lealdade suprema? Desperta! Desperta aos meus lamentos!

(Inclina-se soluçando sobre o cadáver)

Brangäne - (levantando Isolda, que se reanima) Desperta! Vive! Isolda, escuta-me! Sabe qual é a expiação de minha culpa. Revelei ao Rei o segredo do filtro, e imediatamente, preso de inquietação, embarcou o soberano para alcançar-te, para renunciar a ti e conduzir-te para junto do teu amado. **Marke** - Por quê, Isolda, desconfias de mim? Quando me foi revelado claramente o que eu não podia compreender, senti-me ditoso de falar ao meu amigo isento de culpa. Então, para enlaçar-te com o homem adorado,

eu te segui a velas desdobradas. Porém quem trazia a paz não logrou deter a impetuosa fatalidade. Tão só pude aumentar a colheita da morte. A ilusão só fez aumentar a desdita!

Brangäne - Não nos escutas, amada Isolda? Não ouves a tua fiel donzela?

Isolda (olhando sempre inconsciente, alheia a tudo que a rodeia, até que fixa seus olhos no cadáver de Tristão) - Como é doce e delicado o seu sorriso! Seus olhos se entreabrem com ternura. Estão vendo, amigos? Não estão vendo? Como resplandece com luminosidade sempre mais viva! Como ascende irradiante, cercado de fulgurantes estrelas? Não o estão vendo? Como o seu coração se inflama, orgulhosamente, e pulsa-lhe no peito pleno e sublime? Como escapa delicadamente de seus lábios um doce suspiro de suave encanto? Oh, amigos, vejam-no! Não o sentem? Não estão vendo? Serei a única a escutar esta melodia que, maravilhosa e suave, suspirante de alegria, inteiramente reveladora, doce e conciliadora, dele se desprende e em mim penetra, cheia de ímpeto, ecoando sublime ao meu redor? Ondas vibrantes de brisas em luminosa efervescência, ondas de embriagadoras fragrâncias? Dilatando-se, envolvendo-me em suaves murmúrios para abranger-me toda? Nuvens de encantadoras fragrâncias? Como se enfunam a fremer ao meu redor? Deverei respirar? Deverei escutar? Deverei saborear? Afogar-me, contente? Exalar docemente essa fragrância? Mergulhar, submergir, privada dos sentidos, na vaga ondejante? Na rima sonora? No cosmo inspirante da respiração universal? Deleite supremo!

(Isolda, transfigurada, cai suavemente nos braços de Brangäne sobre o cadáver de Tristão. Surpresa e emoção profunda nos presentes. Mark abençoa os dois jovens desfalecidos)

(Obs.:É muito difícil a tradução exata das últimas estrofes. O conceito acima expresso reflete o espírito do gênio poético de Wagner, que se dilui na sublime inspiração musical, fim da tragédia. A invocação do desejo (b) segue-se a ampla expansão do mais apaixonado dos temas de amor, que se eleva a um plano de superior beleza, de imensa poesia, segundo desejava o autor ao coroar sua tragédia com inspiração tão maravilhosa.)

FIM

Os Leitmotive, segundo Wilhelm Furtwängler

- 1 - Poção do Amor
- 2 - Tristão
- 3 - Desejo/Saudade de Tristão
- 4 - Desejo
- 5 - Mar
- 6 - Raiva
- 7 -Morte
- 8 - Zombaria
- 9 - Chamada do Herói
- 10 - Do sem Fôlego
- 11 - História de Isolda
- 12 - Maldição
- 13 - Chamada dos Marinheiros
- 14 - Tristão/Juramento
- 15 - Excitamento Espiritual
- 16 - Juramento de Expição
- 17 - Chorar de Alegria
- 18 - Desejo/Dia Curto
- 19 - Impaciência
- 20 - Anseio
- 21 - Trompa
- 22 - Exultação
- 23 - Tema do Amor
- 24 - Ilimitado Deleite
- 25 - Dueto de Amor/Tocha Apagada
- 26 - Paz do Amor
- 27 - Canção da Partida/Despedida
- 28 - Chegada de Marke
- 29 - Transfiguração do Amor
- 30 - Tristeza de Marke
- 31 - Marke
- 32 - Dor da Morte
- 33 - Isolamento
- 34 - Solidão
- 35 - Canção Triste do Pastor
- 36 - Terra Natal
- 37 - Maldição do Amor/Filtro
- 38 - Anseio do Encontro
- 39 - Canção Alegre do Pastor
- 40 - Encontro
- 41 - Dúvida da Morte